



Imagens da História – Representações da Eleição de 1989 Através das Charges Publicadas no Jornal Correio do Povo¹

Cláudia Gisele Masiero²
Robson Francisco Nunes³
UNIVERSIDADE FEEVALE - RS

RESUMO:

Este estudo objetiva analisar as charges publicadas no jornal Correio do Povo, acerca do primeiro turno da eleição presidencial de 1989, durante a semana em que este ocorreu, período esse que compreende os dias 11 à 18 de novembro daquele ano, refletindo sobre o discurso midiático da época. Pretende-se verificar de que forma esse fato histórico foi representado através das charges, quais aspectos foram privilegiados e ou elementos construídos e como são elas, hoje, uma evidência do que foi o fato histórico em si. Assim, também se busca reestabelecer um diálogo entre o conteúdo das charges e o seu contexto, para que primeiramente possam ser melhor entendidas e posteriormente ajudem a entender/explicar melhor o período do qual fazem parte.

PALAVRAS-CHAVE: Eleição de 1989; Charge; Correio do Povo.

INTRODUÇÃO

A considerável expressividade e capacidade de diálogo com o leitor que as charges possuem, juntamente com a sua grande capacidade de captar e sintetizar o momento histórico vivido, fazem delas uma interessante e relevante fonte de estudo. São, por sua vez, textos que podem ser lidos. Tratando-se do período em questão, ou seja, o primeiro turno da eleição de 1989, podem as charges ter um significado ainda maior, pois essa eleição marcou de fato⁴ a volta ao sistema democrático de governo e significou um reencontro entre o sistema de mídia e o sistema político. Foi a primeira eleição direta para presidente depois de mais de duas décadas de Ditadura, marcada pela sucessão de governos militares, suspensão de direitos civis, violência e tortura aos que se mostravam contrários ao regime vigente. Dessa forma, a eleição constituiu-se de um

¹Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

²Bolsista PROSUP/CAPES, Mestranda em Processos e Manifestações Culturais – Universidade Feevale, RS (claudiamasiero@feevale.br).

³Jornalista, Mestrando em Processos e Manifestações Culturais – Universidade Feevale, RS (robsonfnunes@gmail.com).

⁴ Diz de fato porque houve eleições em 1985 para prefeitos e em 1986 deputados e governadores, mas a eleição de 1989 possibilitou que se escolhesse o fecho supremo da nação, o presidente, e por esse motivo gerou maior comoção e atenção da sociedade.



fato mais significativo do que um pleito rotineiro, pois, pode-se dizer, conforme Azevedo (2006, p. 106), que

O primeiro evento político crítico para o sistema de mídia em nosso atual período democrático foi sem dúvida a eleição presidencial de 1989 (AZEVEDO e RUBIM, 1998). Apesar de disputada logo depois da queda dos regimes socialistas do Leste Europeu, o embate foi travado desde o início através de uma forte polarização ideológica entre a esquerda (através das candidaturas de Brizola e Lula) e a direita (Collor).

Esse momento foi o auge do processo de redemocratização brasileira. Como se pode ver a relação do sistema de mídia com o sistema político se reaviva na eleição de 1989, após um período conturbado e que se sabe ajudou a forjar a história do Jornalismo no Brasil, que se via entrando finalmente em uma época realmente democrática e de livre opinião, sem as censuras antes existentes⁵.

Não houve inicialmente, a supremacia de um partido, todos queriam ter representação, por isso, vinte e dois candidatos disputaram o cargo. Houve também significativa mobilização da população com a eleição, como descreve Silva (1990, p. 398):

Em plena crise econômico-financeira e em meio a um verdadeiro tiroteio de acusações de corrupção, iniciava-se a disputa eleitoral de 1989. Seriam as primeiras eleições diretas para presidente no Brasil, desde 1960. Os partidos, grandes ou pequenos, podiam apresentar livremente seus candidatos; teriam acesso à TV – o pouco amado “Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral” – e contavam com uma porção nunca havida de liberdade, de crítica e democracia. Era o pleno funcionamento da democracia.

Assim, no dia 15 de novembro de 1989, foi realizada a maior eleição em número de votantes que o país já havia visto, que deram a Collor 30,5% dos votos, a Lula 17% e a Brizola 16%, esses os três primeiros colocados. Os dois mais votados disputaram o segundo turno em 15 de dezembro do mesmo ano e Collor foi eleito presidente. Segundo Fausto (2006, p. 291), essas eleições mostraram que

o Brasil estava se convertendo em uma democracia de massas, com cerca de 100 milhões de eleitores, os quais compareceram às urnas num percentual em torno de 85%, que se repetiu em eleições posteriores. Esse elevado comparecimento resulta não apenas do fato de que o voto é obrigatório na idade entre 18 e 70 anos mas também do forte valor simbólico atribuído ao voto pelos cidadãos brasileiros.

Desse modo, considerando o contexto anteriormente descrito e a expressividade e alcance das charges, pretende-se verificar de que maneira elas representaram esse fato

⁵ Destaca-se aqui a Lei de imprensa de 1953 e o AI 5 de 1968 (promulgado pelo governo militar).



histórico, considerando que são um documento desse período. Pode-se dizer que “os testemunhos sobre o passado oferecidos pelas imagens são de valor real” (BURKE, 2004, p.233). Também se busca analisar se elas privilegiaram algum aspecto ou que elementos construíram, pois,

Os meios de comunicação ao selecionar o que passa no mundo, o que vai ou não ser notícia, o que vai ser editado com destaque ou sem relevo, estão, na verdade, procedendo a criação do próprio acontecido. Longe de serem apenas veículos de divulgação, são eles próprios criadores do acontecimento. E, dessa forma constituem uma memória privilegiada do presente que vai ser objeto de análise do historiador num futuro (BARBOSA, 1997, p.87).

Para se ir além do conteúdo explícito dessas imagens trazidas pelo jornal, valendo-se dessa memória que carregam consigo, é preciso que se busque ler as entrelinhas e se estar atento ao contexto no qual foram vinculadas, considerando que “para utilizar a evidencia de imagens de forma segura, e de modo eficaz, é necessário, como no caso de outros tipos de fonte, estar ciente de suas fragilidades (BURKE, 2004, p.18).

O jornal *Correio do Povo*, veículo em que as charges foram publicadas, pode ser tomado como um exemplo dessa conjuntura de reaproximação do sistema de mídia com o sistema político, conforme estudo realizado por Masiero (2011), que analisa a cobertura que o referido jornal faz dessa eleição. Esse jornal gaúcho foi fundado em 1895, por Francisco Antônio de Caldas Junior. Desde a época de sua fundação se apresenta nutrido de um discurso de neutralidade, já expressado no seu primeiro exemplar⁶. O jornal procurou romper com a prática do jornalismo partidário, diferenciando-se, assim, dos demais pequenos jornais que estavam atrelados a forças políticas e ou grupo de particulares, como bem esclarece Faccin ao dizer que,

É preciso entender que, quando o *Correio do Povo* foi criado, o jornalismo gaúcho ainda estava muito atrelado aos interesses de grupos políticos locais. Era intenção do jornal - na época da sua fundação - separar a opinião da informação jornalística, fazendo um jornalismo considerado “objetivo” (FACCIN, 2008, p.10).

Assim, fundado nesta ideia de “imparcialidade”, o *Correio do Povo*, conforme Rüdiger (2003), conquistou rapidamente a hegemonia no mercado de jornais e, na época em questão, era o jornal de maior circulação no estado do Rio Grande do Sul. A

⁶ Estes propósitos, segundo Faccin, foram explicitados no editorial da primeira edição do jornal, em 1895, onde o então diretor Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior esclarecia ao leitor, afirmando: “Este jornal vai ser feito para toda a massa não para determinados indivíduos de uma única facção” (*Correio do Povo*, 1º/10/1895) (2008, p. 11).



Empresa Jornalística Caldas Júnior, provedora do Correio do Povo, teve seu ingresso também no campo da radiodifusão com a fundação da Rádio Guaíba em 1957 e fundou um canal de televisão em março de 1979, ou seja, o periódico fazia parte de um conglomerado de mídia, porém atualmente já não traz essa estrutura e mudou de propriedade.

As charges são apresentadas na coluna de opinião do Correio do Povo, espaço tradicionalmente marcado pela conotação de que a responsabilidade pelos conteúdos veiculados é passada ao seu autor, que tem seu nome destacado como referência ao reconhecimento pela produção de linguagem verbo-visual. Com isso, o jornal transfere parte da responsabilidade pela veiculação. Atualmente os chargistas e autores de colunas de opinião costumam ter sua autoria de forma verdadeira, mas fatos históricos comprovam que antes do período contemporâneo esses mesmos autores chegavam a usar pseudônimos para evitarem represálias e censura.

1. As características da charge e sua potencialidade como fonte de pesquisa

Sabe-se que “o traço caracterizador da charge é a polifonia que permite perceber um jogo de vozes e versões configuradoras do texto humorístico. Além da polifonia, o intertexto também ressoa a charge, ao fornecer as informações e o suporte contextual para seu entendimento” (PAGLIOSA, 2004, p.136). Em um mundo “perpassado por imagens, cercados e dominados por elas” (PESAVENTO, 2008, p.17), tem a charge o seu lugar de importância por sua capacidade de atrair a atenção do leitor, usando humor e crítica. São as imagens, segundo Burke (2004), o melhor guia para o poder de representações visuais nas vidas religiosas e política de culturas passadas, embora também alerte para o fato de que elas são testemunhas mudas e que é difícil traduzir em palavras seu sentimento.

As charges têm origem na Arte Sequencial (depois Histórias em Quadrinhos), que por sua vez, faz parte da cultura mundial. Muitos estudiosos e historiadores divergem sobre as origens das Histórias em Quadrinhos. A maioria dos livros sobre quadrinhos começa antes da virada do século, porém a tentativa de representar fatos através de imagens pictóricas existe desde o tempo das pinturas rupestres (cerca de 40 mil anos atrás) e dos hieróglifos egípcios (por volta de 1.300 A.C.). Nestes períodos, já se tinha uma noção de desenhos ordenados em sequência que podiam ser comparados em semelhança aos quadrinhos. Aos poucos, essa arte foi tomando espaço na sociedade



e evoluindo, como nas técnicas de vitrais e pinturas de igrejas, e, ainda mais tarde, nas formas de expressão artística cultural com as caricaturas. Com a chegada da imprensa, essa forma de linguagem passou a ser desfrutada de uma forma mais crítica e com papel social. Criaram-se os desenhos da imprensa - as charges -, como forma de mescla entre arte pictórica e iconográfica e conteúdo informativo dado a determinado contexto, quase sempre explorando o humor e a sátira. Assim como a Arte Sequencial, as charges reúnem dois tipos de linguagens muito ricas em propriedades comunicativas e interpretativas – **imagens desenhadas** com a **língua codificada e gramatical tipografada**, ou seja, combinando palavras e figuras, mas sem que isso tradicionalmente seja uma regra. Essa arte serve, desde então, tanto para comunicar, dar asas ao imaginário das mentes humanas, quanto para demonstrar a indignação e o sentimento quanto a algum tema social, antropológico, cultural e histórico. Tendo a imagem, as charges podem libertar a escrita para abordar outros assuntos independentemente do que é mostrado graficamente. Segundo Will Eisner: (1985, p. 88) “a composição de um quadrinho é comparável ao planejamento de um mural, de uma ilustração de um livro, de um quadro ou de uma cena teatral”.

Segundo Pilla e Quadros (2009), as charges têm uma ligação estreita com a prática jornalística e que não está isenta de influências sócio-históricas. Outra característica importante destacada pelos autores é que elas podem ser tão ricas e densas quanto outros textos opinativos, como crônicas e editoriais, que transmite um posicionamento crítico sobre personagens e fatos políticos. São elas também uma forma de texto, que pode ser lido.

Para analisar as charges referentes à semana que marcou na prática a volta da democracia no Brasil, esse trabalho propõe a reflexão quadro a quadro, dia após dia, e não em uma sequência que, assim como nas histórias em quadrinhos, precisa uma da outra para se fazer entender. Assim, contextualizando, como os jornais seguem os assuntos em voga, ou pelo menos assim considerados pelo veículo, nos dias em que se viveu o primeiro turno da eleição, caracterizada pelos personagens da época: a sociedade brasileira, os candidatos à presidência da república e o sentimento instalado no período em que foi criado o horário político obrigatório nos canais de rádio e televisão. Além da composição quadro a quadro, pretende-se fazer uma interpretação das produções de sentido em sua dimensão verbo-visual, como forma de um documento linguístico e de como os textos (conteúdos) constroem a maneira de ser da época.

2. Imagens da história: a representação do primeiro turno da eleição de 1989 através das charges

A presença das charges no jornal *Correio do Povo* era diária, provando que este é um recurso frequentemente utilizado pela mídia. Hoje em dia, é impossível imaginar um jornal, com qualquer objetivo que se tenha, sem as charges. Assim as sete imagens que fazem parte do *corpus* documental, registram, de certa forma, o cotidiano da semana em que se realizou o primeiro turno da eleição de 1989. O que é melhor explicado por Pilla e Quadros:

Fortemente associado ao discurso midiático, o humor gráfico presente na charge se dá pelo exagero dos traços e pela síntese dos fatos. Além da imagem do alvo que pretende atingir, a charge explicita uma crítica à realidade social e política, enfocando um flagrante do cotidiano (2009, p.10).

O presidente em exercício na época era José Sarney e havia um descontentamento com seu governo, destacado na charge publicada no domingo, onze de novembro de 1989, que pode ser vista a seguir (figura 1). A charge possui três personagens, o pai, o filho e o presidente Sarney, que aparece na tela da televisão. O pai, aparentemente descontente (fato que pode ser visto por sua fisionomia), com um bastão se dirige ao aparelho e é impedido de golpeá-lo pelo filho que avisa “Calma pai, ele não é candidato”. Sobre o aparelho há uma antena, na qual se apoia uma teia de aranha, talvez mais um sinal de desgaste do governo vigente, conferindo, nesse sentido, ao que aparece na tela, uma atmosfera de ultrapassado. Já a aparição do “suposto” candidato na televisão também remete ao recém-criado Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral, que desde seu início também fez despertar a antipatia do povo brasileiro, tanto pela imposição quanto pela política e seus personagens.



Figura 1 - Charge publicada em 11.11.1989, *Correio do Povo*.

A charge anteriormente citada é ao mesmo tempo um exemplo do trabalho do chargista, que “usando sua criatividade, depois de observar com muita inteligência e analisar o acontecimento, constrói um texto crítico, contundente e revelador” (SILVA & PRADOS, 2010, p.65). Ela também revela o fato de que “as charges comportam a articulação do verbal (palavra) com o não verbal (imagem) que constrói múltiplas direções de leitura, associando recursos como a ironia e o desenho caricatural” (PILLA & QUADROS, 2009, p.2).



Figura 2 - Charge publicada em 12.11.1989, Correio do Povo.

O tema da segunda charge em análise (figura 2), publicada na segunda-feira, doze de novembro de 1989, é a relação do público com o Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral. Essa foi a primeira eleição em que o horário eleitoral foi exibido, sendo portanto, uma experiência inédita para a sociedade brasileira. A charge traz um homem de pijama e pantufas, fumando, sentado em uma confortável poltrona, olhando para a televisão, que se encontra bem próxima. O homem fala “Ela não suportaria nem mais um dia...” e a televisão que tem rosto e olhos esbugalhados, diz “BZZZ... Meu nome é Eneas...”.

Supostamente a charge indica que desde sua criação o Horário Eleitoral não tenha sido bem aceito pelos telespectadores, uma vez que a fisionomia do homem não demonstra empolgação e a televisão que ganha *status* de personagem, parece estar perturbada, exaurida, exausta devido as inserções políticas. A charge apresenta também os códigos verbais e visuais justapostos que se auxiliam, se completam ou se contrapõem na busca da produção do sentido pretendido (SILVA & PRADOS, 2010, p.65). Nesse caso a frase dita pela televisão indica também o seu cansaço, ao repetir uma das frases mais ditas na referida eleição, o bordão do candidato Enéas, que ao final de seus discursos sempre falava “Meu nome é Eneas”. Talvez implicitamente a

perturbação da televisão, marcada pela forma de seus olhos e sua fisionomia, queira reforçar a ideia de perturbação do candidato Enéas, tido na época como um candidato desacreditado e a quem muitos diziam ser desequilibrado. O semblante desanimado e perturbado do eletrodoméstico também traz a sensação de ter chegado ao fim uma maratona de imposições diárias na programação dos veículos de comunicação social, ao qual até mesmo o aparelho parece ter sofrido com o cansaço. Assim o traço da charge se mostra pouco inocente. Aqui a sátira provoca uma sensação de alívio por parte dos personagens.



Figura 3 – Charge publicada em 13.11.1989, Correio do Povo

A terceira charge (figura 3) publicada apresenta dois personagens, à frente, no plano central e ao fundo um morro, ao longo do qual parece se estender uma favela. Um dos homens, que segura uma bandeira diz “Se não fossem os comícios eu já teria enrolado a bandeira”, enquanto o outro homem o escuta admirado.

Nessa charge o povo e o seu envolvimento com a política, constitui-se do tema principal. Distante mais de vinte anos do ocorrido, charges como essa são difíceis de ser compreendidas, pois não são muitas as pistas que nela se encontra. Isso acontece porque, conforme explicam Pilla & Quadros (2009) o entendimento dos discursos chargísticos necessitam um entendimento contemporâneo ao momento em que se estabelece a relação discursiva entre interlocutores, pois somente assim é possível perceber as estratégias utilizadas pelos vários atores sociais envolvidos no contexto de produção. Porém pode-se dizer que o autor talvez quisesse mostrar que apesar do momento de efervescência pelo qual estava passando o país, a população menos abastada ainda participava da política de forma pouco aprofundada. Ou seja, “se não fosse os comícios” o personagem da charge “teria enrolado a bandeira”, teria encerrado a sua participação, estava ele aquém dos discursos políticos. Outro fato aqui implícito é

a prática dos comícios na época, que nos últimos anos vem perdendo força. Nota-se ainda que para descrever, ou mostrar, personagens moradores de locais mais carentes o autor utilizou-se da cor negra, levando ao entendimento dos leitores um estereótipo criado desde a colonização do Brasil, onde os afrodescendentes (raça negra) eram sempre a camada mais desfavorecida e portanto mais pobre. O que ao passar dos anos criou este dito estereótipo inserido na cultura nacional.



Figura 4 – Charge publicada em 14.11.1989, Correio do Povo.

Na quarta charge (figura 4) se tem representado novamente o Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral. Há na construção da imagem um aparelho televisivo no lado esquerdo e um aparelho de rádio no lado direito, ambos sobre um suporte próprio, dispostos no que parece ser uma sala de estar. Os dois aparelhos têm visível expressividade, notada através do rosto que o chargista lhes confere. Estão os dois aparelhos com aparência cansada e dizem ao mesmo tempo “Missão cumprida”.

Possivelmente por ser um tema novo e que mexeu com os costumes da época, as questões ligadas ao horário eleitoral tenham sido consideravelmente recorrentes nas charges em análise. Implícita na charge está possivelmente a relação da mídia com a política, que estavam experimentando uma nova e mais livre configuração de relação com o fim da censura, embora a obrigatoriedade dos programas políticos aos candidatos. As próprias charges são um exemplo dessa relação, pois todas elas se relacionam ao tema eleição. Mesmo considerando que elas foram publicadas na semana em que esta aconteceu, vale destacar que nenhum outro assunto tomou o seu lugar e que não havia nenhuma obrigatoriedade entre jornal e chargistas de abordar somente este assunto, somente a obrigatoriedade “implícita” aos veículos de sempre utilizar temas que são analisados como mais relevantes diariamente e que trazem maior repercussão entre o público consumidor e leitor.



Figura 5 – Charge publicada em 15.11.1989, Correio do Povo.

Depois de cinco presidentes militares e de anos duros de Regime Militar volta-se ao Regime Democrático, o povo novamente “no poder”. A quinta charge (figura 5) analisada, publicada em quinze de novembro de 1989, apresenta o mapa do Brasil, tomado como personagem (com braços, olhos, boca...), alimentando-se do voto e dizendo “É o melhor regime”. Essa foi a charge publicada no dia da eleição e através de sua constituição talvez se possa remontar o sentimento de contentamento e esperança que a sociedade estava vivenciando. O Brasil representado está feliz, consome o voto, volta a Democracia. Através dessa charge pode-se dizer que

O uso político de imagens não deve ser reduzido a tentativas de manipulação da opinião pública. Entre a invenção do jornal e a invenção da televisão, por exemplo, caricaturas e desenhos ofereceram uma contribuição fundamental ao debate político, desmistificando o poder e incentivando o envolvimento de pessoas comuns nos assuntos de Estado (BURKE, 2004, p.98).

Assim, ela está trazendo um debate político, não sobre os candidatos, porém mais profundo, sobre o regime democrático que estava se consolidando, ao mesmo tempo não deixa de fazer uma crítica ao regime ditatorial que havia vigorado por mais de duas décadas, nas mãos dos militares, ao afirmar que a Democracia era o melhor regime. Além disso, ela usa do paralelo e o duplo sentido da palavra “regime”, que tanto pode indicar um sistema político (neste caso um novo método havia sido recém-implantado), quanto também pode ter o sentido de dieta alimentar, ao qual habitualmente é referido ao processo e o hábito de ingestão de comida. Neste caso ainda, para fazer o jogo de duplo sentido verbal o autor ainda usa da imagem do personagem (o mapa) se alimentando do fato que caracterizou o novo período que se

iniciava: o voto livre. Criou-se assim a conotação de que essa forma de escolha dos representantes do país era melhor do que as vividas anteriormente.



Figura 6 – Charge publicada em 16.11.2012, Correio do Povo.

A sexta charge (figura 6) foi publicada um dia após a eleição, em dezesseis de novembro de 1989. Apenas um personagem é representado, um homem, em seu quarto, deitado em sua cama. O sujeito está acordado, fumando um cigarro, em seu pensamento uma urna eleitoral, e sua fala nesse instante é a seguinte: “A primeira vez a gente nunca esquece”.

A volta à Democracia novamente é representada implicitamente. O homem representa muitos brasileiros que nunca tinham votado, por isso o famoso bordão comercial reproduzido pelo personagem “A primeira vez a gente nunca esquece”⁷. Em mais de duas décadas de Ditadura, todos os que se tornaram adultos, votantes em potencial, durante esse período, nunca haviam podido escolher o seu presidente. A comparação com a iniciação ao sexo - afinal o personagem, notadamente um homem, está em sua cama com um cigarro aceso, em um novo estereótipo criado culturalmente pela história de que após o ato sexual se costumava realizar o ato de fumar -, proposta pela imagem supõe, primeiramente a satisfação e o prazer em votar. Em segundo a jovialidade do Brasil que estava iniciando (reiniciando) sua relação com a Democracia. Assim, através dessa charge pode-se concluir que

o humor é outro traço básico importante nos textos chárgicos (...). Os traços apontados revelam a capacidade de um bom chargista, pois usando sua criatividade, depois de observar com muita inteligência e analisar o acontecimento, constrói um texto crítico, contundente e revelador (SILVA & PRADOS, 2010, p.65).

⁷ Ditado popularizado pela propaganda dos sutiãs Valisère, criada pela W/Brasil (na época W/GGK) em 1987, com a criação de Camilo Franco e Rose Ferraz, direção de criação de Washington Olivetto e direção comercial de Júlio Xavier, adaptado para as mais diversas ocasiões.

A última charge analisada (figura 7), foi publicada no dia dezessete de novembro de 1989, dois dias após a eleição. Nesse momento as pesquisas de boca de urna e as poucas urnas apuradas (ainda se utilizava a contagem manual dos votos) já apontavam que Fernando Collor de Mello liderava e em segundo lugar estavam próximos Luís Inácio Lula da Silva e Leonel Brizola. O chargista faz um resumo desse fato, também revelando o sentido informativo da charge.



Figura 7- Charge publicada em 17.11.1989, Correio do Povo.

Na imagem chargística aparecem os três presidentiáveis mais bem colocados nas pesquisas, citados anteriormente. Estão eles saindo de uma urna gigante. Collor foi o primeiro a pular e está se lançando para longe dos outros dois. Lula e Brizola estão saindo concomitantemente da boca da urna, disputando espaço, a charge os mostra como que empatados, representando caricaturalmente a situação real de que com esse empate, o candidato Collor estava assim alçado para cima (o topo das votações e a consequente vitória nas urnas). Assim além do seu viés informativo, há o humor que lhe é característico, como anteriormente citado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As charges falam do seu tempo e só fazem sentido quando conhecemos o seu contexto, assim podemos considerá-las como testemunhos históricos bastante particulares e que ajudam no melhor entendimento do período em questão, ou seja, o primeiro turno da eleição de 1989. Através delas vários assuntos foram reavivados e até mesmo o imaginário da época pode ser melhor compreendido. Por seu humor e sátira,



traz questões que talvez não figurassem nas reportagens, que necessariamente são sempre mais formais.

Através do discurso que cada uma das imagens produziu, pode-se verificar variados aspectos da eleição e da época vivida, como o descontentamento com o governo em exercício, os candidatos, o momento de retorno ao regime democrático de governo e o horário eleitoral (novidade na época). Muito além de meras questões cotidianas, as charges representam a essência do que foi aquele fato histórico, permeado, como se viu, por todas essas questões.

Pode-se perceber que o elemento mídia também se destaca, pois das sete charges analisadas, em três delas se vê elementos midiáticos, especialmente a televisão e o rádio, que na época eram obrigados a transmitir propagandas políticas obrigatórias. Como se sabe a charge representa o cotidiano, assim, pode-se talvez verificar que esses elementos também estivessem presentes, em nível considerável de importância, na vida das pessoas.

O traço das charges realmente não produziu um discurso totalmente inocente, por outro lado, não privilegiou um candidato, ou um episódio que tenha maior significação no que diz respeito à eleição. Durante a semana em que ocorreu a eleição, todas as charges publicadas tinham direta ou indiretamente foco nesse tema. Mesmo nos dias que se seguiram ao dia da votação, o tema continuou o mesmo. Isso talvez, tenha ajudado a reforçar o imaginário positivo em torno da volta ao regime democrático.

Assim é preciso dizer que as charges, enquanto textos que podem ser lidos, podem gerar muitas interpretações e sentidos, que certamente, em sua totalidade, não tenham sido contemplados por esse estudo. Cabe aqui dizer que de uma imagem e do discurso que ela produz, muito pode ser explorado, forçando uma leitura aprofundada, sempre se pode refinar o olhar e se aprofundar o conhecimento.

Para finalizar pode-se dizer que História e Comunicação têm cultivado uma estreita relação, motivada pela interdisciplinaridade. Muitas pesquisas têm surgido apostando no enlace dessas áreas, assim como o estudo presente.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. **Jornalismo e História: um olhar e duas temporalidades**. In: NEVES, Lúcia e MOERL, Marco (Orgs). *História e Imprensa: Homenagem a Barbosa Lima Sobrinho – 100 anos*. Anais de Colóquio. Rio de Janeiro: UERJ/IFCJH, 1997.



BURKE, Peter. **Testemunha ocular: História e Imagem**. Bauru, SP: EDUSC, 2004. Tradução: Vera Maria Xavier dos Santos.

CINTI, Paulo; FONTANEZZE, Renata Munhoz Mamede; VIEIRA, Lucas Modesto em **Uma análise dos recursos persuasivos do comercial: “O primeiro sutiã” da empresa Valisère**. REC – Revista Eletrônica de Comunicação, Unifacef, Franca, SP, Janeiro/Junho de 2006.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte seqüencial**. São Paulo: Martins Fontes 3 ed., 2001.

FACCIN, Milton Júlio. **Jornais gaúchos: operações de sentido da identidade regional**. XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2008.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

MASIERO, Cláudia Gisele. **Correio da Eleição – encarte do Correio do Povo – uma abordagem do primeiro turno da eleição de 1989**. Guarapuava PR, Anais VIII Encontro Nacional de História da Mídia, 2011.

MCCLLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos (história, criação, desenho, animação, roteiro)**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 1993.

PAGLIOSA, Elcemira Lúcia Balvedi. **O traço nada inocente da charge: um estudo sociocognitivo do texto de humor**. Porto Alegre: 2004. 203 p. Tese (Doutorado em Semiótica) – Faculdade de Letras, PUCRS, 2004.

PESAVENTO, Sandra; RAMOS, Alcides; PATRIORA, Rosangela (Orgs.). **Imagens na História**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

PILLA, Armando; QUADROS, Cynthia Boos de. **Charges: uma leitura orientada pela Análise do Discurso de linha francesa**. Curitiba, PR, Anais Intercom - XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do Jornalismo**. 3ª ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2003.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Brasil, em Direção ao Século XXI. In: LINHARES, Maria Yedda. (Org.). **História Geral do Brasil**. 9. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

SILVA, Maria de Fátima; PRADOS, Rosália Maria Netto. **Os subentendidos das charges**. Revista Interfaces. Ano 2, N°2, out. de 2010.



JORNAIS

Correio do Povo, Porto Alegre, RS, 11 à 17 de novembro de 1989. Acervo do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.